ISSN: 2358-8829

PEDAGOGIAS DA VISUALIDADE E ARQUIVOS COLONIAIS: A FABULAÇÃO VISUAL NA FORMAÇÃO DO OLHAR SOBRE OS AFETOS ENTRE MULHERES NEGRAS

Charlotte Pedrosa [1]

RESUMO

As imagens desempenham um papel fundamental na produção de memórias, sensibilidades e formas de conhecimento, participando da constituição dos modos pelos quais aprendemos a perceber e reconhecer sujeitos e experiências. No contexto da colonialidade, os arquivos visuais privilegiaram representações da população negra associadas à escravização, ao trabalho compulsório e à violência, contribuindo para o apagamento de outras dimensões da existência negra, entre elas os afetos entre mulheres negras. Partindo do entendimento de que essa ausência é produzida pelos regimes coloniais de visualidade e pelas práticas arquivísticas, esta pesquisa tem como objetivo compreender de que maneira a fabulação visual como prática educativa pode tensionar essas pedagogias da visualidade e ampliar as possibilidades de memória e reconhecimento dessas experiências. A investigação adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, fundamentada nos Estudos da Cultura Visual, nos feminismos negros e nas teorias decoloniais. O corpus é constituído pelo *Álbum de Desesquecimentos* (2024), de Mayara Ferrão, analisado a partir de sua publicação na *Revista ZUM* n. 27, em que a obra é apresentada e contextualizada por Mayara Ferrão e Fernanda Silva e Sousa. Espera-se evidenciar que a produção de novas visualidades pode contribuir para a formação de um olhar crítico sobre os processos históricos de invisibilização, compreendendo a fabulação visual como uma prática educativa capaz de ampliar os regimes de reconhecimento e de fortalecer outras formas de narrar, imaginar e lembrar os afetos entre mulheres negras.

Palavras-chave: Educação; Cultura Visual; Fabulação visual; Arquivo colonial; Mulheres negras.

[1]Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aluna especial do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Centro Acadêmic o do Agreste (CAA). E-mail: charlotteacademico@gmail.com

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

As imagens constituem importantes artefatos culturais na produção de memórias, sensibilidades e formas de conhecimento, participando ativamente dos processos pelos quais aprendemos a perceber, interpretar e atribuir sentidos ao mundo. Longe de funcionarem como registros neutros da realidade, elas integram disputas políticas, históricas e epistemológicas que definem quais experiências serão preservadas, narradas e reconhecidas socialmente. Nesse contexto, os arquivos visuais desempenham papel central na consolidação dessas disputas ao selecionar, organizar e legitimar determinadas representações, produzindo não apenas memórias, mas também silenciamentos e ausências.

No contexto da colonialidade, esses arquivos privilegiaram representações da população negra associadas à escravização, ao trabalho compulsório, à violência e ao controle dos corpos, restringindo as possibilidades de reconhecimento de outras dimensões da existência negra. Entre essas ausências, destaca-se a escassez de registros visuais que representem experiências de afeto entre mulheres negras. Essa invisibilização, entretanto, não decorre da inexistência dessas experiências, mas dos regimes coloniais de visualidade e das práticas arquivísticas que historicamente definiram quais vidas seriam consideradas dignas de serem vistas, documentadas e lembradas.

Nessa perspectiva, compreende-se que os arquivos também operam como pedagogias da visualidade, pois ensinam modos de ver, reconhecer e significar os sujeitos por meio das imagens que preservam e daquelas que silenciam. Problematizar essas pedagogias implica reconhecer que o olhar é histórica e socialmente construído e, portanto, pode ser tensionado e transformado por outras práticas de produção de imagens.

É nesse horizonte que se insere esta pesquisa, cujo objetivo é compreender de que maneira a fabulação visual como prática educativa pode contribuir para a formação do olhar, tensionando as pedagogias da visualidade produzidas pelos arquivos coloniais. Para isso, toma-se como corpus o *Álbum de Desesquecimentos* (2024), da artista visual Mayara Ferrão, conjunto de imagens produzidas com inteligência artificial que imagina experiências de afeto entre mulheres negras historicamente ausentes dos arquivos

ISSN: 2358-8829

coloniais, ampliando as possibilidades de memória, reconhecimento e imaginação política dessas existências.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa fundamenta-se nos Estudos da Cultura Visual, nos feminismos negros e nas teorias decoloniais para compreender como as imagens participam da produção das memórias, dos regimes de reconhecimento e das formas pelas quais aprendemos a perceber determinados sujeitos e experiências. Parte-se do entendimento de que a educação ultrapassa os espaços escolares e se realiza também por meio das práticas culturais, nas quais as imagens desempenham papel central na formação do olhar, na construção das sensibilidades e na produção de conhecimentos sobre o mundo.

Nesse contexto, Fernando Hernández (2000; 2007) compreende a Cultura Visual como um campo que investiga as relações entre sujeitos, imagens e práticas culturais, deslocando a atenção da análise da imagem em si para os modos como ela produz significados, identidades e formas de pertencimento. Para o autor, as imagens não apenas representam a realidade, mas participam da constituição das maneiras pelas quais aprendemos a ver, interpretar e atribuir sentido às experiências sociais. Assim, compreender a cultura visual implica reconhecer que os processos educativos também acontecem por meio das visualidades que circulam no cotidiano, produzindo aprendizagens sobre quem pode ser visto, lembrado e reconhecido.

Essa perspectiva dialoga com Paulo Freire (1989), para quem a leitura do mundo antecede a leitura da palavra. Ao compreender que o conhecimento é produzido nas relações entre os sujeitos e a realidade, Freire oferece fundamentos para pensar a educação para além dos espaços escolares. Em diálogo com Fernando Hernández (2000; 2007), essa perspectiva permite compreender as imagens como práticas culturais e educativas que influenciam a forma como percebemos os corpos, as diferenças e as relações sociais. Desse modo, ambos os autores contribuem para compreender que a formação do olhar constitui um processo educativo, histórica e culturalmente construído pelas experiências visuais.

No campo dos feminismos negros, bell hooks (2020) demonstra que as representações das mulheres negras foram historicamente produzidas por imaginários racistas e

ISSN: 2358-8829

patriarcais, restringindo suas possibilidades de reconhecimento a estereótipos associados à violência, ao trabalho compulsório e à hipersexualização. Em contrapartida, a autora evidencia que produções visuais centradas no afeto, na intimidade e na reciprocidade entre mulheres negras constituem importantes formas de resistência, ampliando as possibilidades de representação e reconhecimento dessas experiências.

Para compreender os processos históricos que produziram essas ausências, a pesquisa dialoga com Nicholas Mirzoeff (2016), que concebe a visualidade como uma tecnologia de poder responsável por organizar aquilo que pode ser visto e reconhecido socialmente. Essa discussão aproxima-se da crítica de Ariella Azoulay (2022), para quem o arquivo não constitui um repositório neutro de documentos, mas uma tecnologia imperial que seleciona quais experiências serão preservadas como memória histórica. Complementarmente, Denise Ferreira da Silva (2016) evidencia que os processos de racialização atravessam as próprias condições de produção do conhecimento, demonstrando que a colonialidade permanece estruturando os modos de ver e interpretar o mundo.

Como resposta aos limites dos arquivos coloniais, esta pesquisa mobiliza a noção de fabulação crítica proposta por Saidiya Hartman (2021), compreendida como uma estratégia de enfrentar os silêncios arquivísticos sem pretender reconstruir integralmente um passado inacessível. Em diálogo com essa perspectiva, Tina Campt (2017) propõe uma escuta das imagens capaz de perceber experiências, afetos e futuros que escapam aos regimes tradicionais de representação, ampliando as possibilidades de leitura das visualidades negras.

É nesse horizonte teórico que se insere a análise do *Álbum de Desesquecimentos* (2024), de Mayara Ferrão. A pesquisa compreende que as imagens produzidas pela artista mobilizam a fabulação visual como uma prática de criação de outras memórias e possibilidades de reconhecimento, tensionando os regimes coloniais de visualidade e ampliando a imaginabilidade dos afetos entre mulheres negras lésbicas.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter bibliográfico e interpretativo, desenvolvida por meio de um estudo de caso da obra *Álbum de Desesquecimentos* (2024), da artista visual Mayara Ferrão. A análise fundamenta-se na perspectiva da Cultura Visual proposta por Fernando Hernández (2000; 2007), compreendendo as imagens como práticas culturais que produzem aprendizagens, memórias e modos de ver. Como procedimentos metodológicos, serão realizados o levantamento e a revisão da literatura, seguidos da análise interpretativa das imagens que compõem o corpus, tomando como referência a publicação oficial da obra na *Revista ZUM* n. 27 (2024), na qual *Álbum de Desesquecimentos* é apresentado e contextualizado por Mayara Ferrão e Fernanda Silva e Sousa.

A análise considerará elementos como composição visual, gestualidade, enquadramento, relações de afeto, intimidade e cuidado, articulando-os aos conceitos de visualidade (Mirzoeff, 2016), arquivo (Azoulay, 2022), fabulação crítica (Hartman, 2021) e escuta das imagens (Campt, 2017), buscando compreender de que maneira a obra tensiona os regimes coloniais de visualidade e amplia as possibilidades de memória e reconhecimento dos afetos entre mulheres negras lésbicas.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se demonstrar que a ausência de representações dos afetos entre mulheres negras lésbicas nos arquivos visuais não corresponde à inexistência dessas experiências, mas constitui um efeito dos regimes coloniais de visualidade e das práticas arquivísticas que historicamente definiram quais vidas seriam registradas e reconhecidas. Pretende-se evidenciar que o *Álbum de Desesquecimentos* mobiliza a fabulação visual como estratégia de enfrentamento desses silenciamentos, produzindo imagens que ampliam as possibilidades de memória, reconhecimento e imaginação política. Espera-se, ainda, contribuir para os estudos da Cultura Visual e da Educação ao compreender as imagens como práticas educativas capazes de tensionar os modos hegemônicos de ver e

ISSN: 2358-8829

favorecer outras formas de leitura da história, dos afetos e das experiências de mulheres negras.

CONCLUSÃO

Ao compreender as imagens como práticas educativas e políticas, esta pesquisa propõe refletir sobre os modos pelos quais os regimes coloniais de visualidade produziram o apagamento dos afetos entre mulheres negras nos arquivos visuais. Nesse contexto, a análise do *Álbum de Desesquecimentos* evidencia o potencial da fabulação visual como prática educativa, capaz de tensionar essas ausências ao ampliar as possibilidades de memória, reconhecimento e imaginação de outras experiências históricas. Espera-se, assim, contribuir para os estudos da Cultura Visual e da Educação ao demonstrar que a produção de novas visualidades pode favorecer a formação de um olhar crítico diante das narrativas coloniais, ampliando as formas de compreender as relações entre imagem, memória, arquivo, afeto e justiça social.

REFERÊNCIAS:

AZOULAY, Ariella Aïsha. *História potencial: desaprender o imperialismo*. Tradução de Luiza Lobo. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

CAMPT, Tina M. *Listening to Images*. Durham: Duke University Press, 2017.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. Tradução de Fernanda Silva e Sousa e Marcelo Ribeiro. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 12-33, 2020. DOI: https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Catadores da cultura visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. Tradução de André Lemos. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 18, n. 4, p. 745-768, out./dez. 2016.

SILVA, Denise Ferreira da. O evento racial ou aquilo que acontece sem o tempo. Tradução de Ana Cecília Acioli Lima. *Meritum*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 69-91, jan./jun. 2016.

SILVA E SOUSA, Fernanda; FERRÃO, Mayara. Álbum de desesquecimentos. *Revista ZUM*, São Paulo, n. 27, 2024. Disponível em: https://revistazum.com.br/revista-zum-27/album-de-desesquecimentos/. Acesso em: 18 jul. 2026.